

PAZ - AMOR - TRABALHO

Boletim Informativo

Associação Cultural Espírita
Mudança Interior

Abril 2021 | Ano 14 | Número 160



Quem foi Amélie Boudet

António Soares

Ficha Técnica

Propriedade

ACEMI- Associação Cultural
Espírita Mudança Interior
Avenida Vale do Caima, 602
R/C Ed. Habicambra
3730-202 VALE DE CAMBRA
Telefone: 256 403 021
E-mail:
mudanca.interior@gmail.com

Impressão: Lito Pinho

Coordenação: Arminda Santos

Redação e Colaboradores

aps
António Soares
Arlindo Pinho
Arminda Santos
Carina Quental
Luzia Matos

Periodicidade

Mensal



(Continuação...)

Madame Allan Kardec (1869-1883)

O desencarne repentino do Codificador, deixou a todos aqueles que se encontravam ligados por laços familiares, de amizade ou pela partilha da filosofia espírita num clima de consternação, que Madame Allan Kardec, recebeu não só de França, mas também de outros Países, numerosas e sociáveis manifestações de simpatia e de incentivo, as quais lhe deram novas e redobradas forças para dar continuidade à obra de seu amadíssimo esposo.

Assim, cerca de dois meses após o sepultamento de Allan Kardec, a viúva, como única proprietária legal das obras, revista e livraria, no interesse da doutrina, achou por bem atribuir todos os anos determinada verba para uma **(Caixa Geral do Espiritismo)**, cujos fundos revertiam a favor do crescimento e expansão do Espiritismo. Mesmo com idade avançada, demonstrava uma vontade enorme ao trabalho de tal forma, que, fazia questão de gerir tudo pessoalmente, cuidando de diversos assuntos que normalmente exigiam várias pessoas.

Madame Allan Kardec, convencidíssima da verdade nos ensinamentos espíritas, procurou garantir a dinâmica do Espiritismo no futuro, e, para isso, procurava aplicar todo o seu tempo entregando-se a dar continuidade à obra iniciada por seu defunto marido. Assim, nessa entrega à causa doutrinária, depois de acurados estudos feitos em conjunto com alguns companheiros e discípulos de Kardec, foi ,

decidido fundar uma sociedade, à qual deram o nome de **“Sociedade Anônima do Espiritismo”**, indo assim ao encontro dos planos de Kardec expostos na Revista Espírita de 1868, e destinada à divulgação do Espiritismo através de todos os meios legais permitidos pelas leis. No fundo, o objetivo principal era a continuação da Revista Espírita, a publicação das obras de Kardec e de todos os livros que tratassem do Espiritismo. Graças a um total empenho e dedicação de Madame Allan Kardec, o Espiritismo florescia não só em França, mas por todo o mundo. Acontece que todo esse trabalho incansável a que se votou essa admirável mulher, cuja idade ia avançando, dava-lhe sinais de que necessitava de repouso físico e de serenidade.

Nesse contexto, aparece o Sr. Leymarie, um dos mais fervorosos discípulos de Allan Kardec desde 1858. Médiun, homem honesto e trabalhador incansável, a partir de 1871 assume a gerência da Revista Espírita e também da Livraria, acabando depois por ficar com todos os pesados encargos da direção da Sociedade Anônima por renúncia dos companheiros de administração. A partir daí, passou a ser o braço direito de Madame Allan Kardec, acatando sempre com respeito e dedicação as instruções dirigidas da extraordinária anciã.

Voltando à fundação da Sociedade Anônima do Espiritismo, cujo nome nunca foi do agrado de Madame Allan Kardec, mas que por motivos diversos o aceitou, Madame Allan Kardec, em assembleia geral levada a cabo em 18 de Outubro de 1873, decidiu modificar o nome para **“Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”**, muito do seu agrado.

Durante vários anos, essa extraordinária mulher ainda fez muito em prol do Espiritismo, e também a todos aqueles que pessoalmente lhe pediam um conselho ou simplesmente uma palavra amiga, a todos atendia com um sorriso nos lábios, com humildade e uma lucidez ímpar apesar dos seus 87 anos de idade que para ela não eram entrave à leitura sem precisar de óculos, e a escrever corretamente e com mão firme.

E foi neste ambiente de serenidade que em 21 de Janeiro de 1883, às cinco horas da madrugada, com gracioso e meigo sorriso se desliga dos últimos laços que a prendiam à matéria.

Obedecendo aos seus desejos, o funeral de Madame Allan Kardec foi simples, saindo de sua residência a 23 de Janeiro diretamente para o cemitério Père-Lachaise, junto ao jazigo de Allan Kardec, e, ao lado do qual foram sepultados seus despojos. Durante as cerimónias fúnebres, o Sr. Lecoq leu uma emocionante e bela comunicação mediúnica de António de Pádua, recebida no dia anterior, e na qual esse espírito iluminado descrevia a resplandecente recepção com que elevados espíritos juntamente com Allan Kardec, acolheram a bem aventurada Amélie.

Em 26 de Janeiro de 1883, o Sr. E. Cordurié, médium parisiense, recebia espontaneamente uma mensagem assinada pelo espírito de Madame Allan Kardec, seguida de outra por parte de seu esposo. Eram mensagens simples na forma e belas no conceito, pois comprovavam que a vida continua.

Sem dúvida, Amélie Boudet foi, de fato, uma mulher extraordinária. Assim como ela, outros espíritos no envoltório feminino, também desenvolvem enorme trabalho em prol da divulgação do Espiritismo.

Para refletir: **“O fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem”** (Allan Kardec)



O PARADIGMA E O PARADOXO DA CRUZ

Arlindo Pinho

A cruz é um símbolo para nós, sim, mas a verdade da sua simbologia é um paradoxo, pois a realidade do que ela representa vai contra o comum das opiniões ensinadas ao povo pelas diversas religiões.

Como facilmente podemos verificar, na sua maioria, dizem que Jesus morreu na cruz para nos salvar; que morreu para nos livrar do pecado, então a cruz era o símbolo da libertação do pecado, novo paradoxo: se Jesus com sua morte na cruz nos libertou do pecado, que dizer que já não existe mais pecado? Será que podemos cometer qualquer crime que já não é pecado? Será que mesmo cometendo as maiores barbaridades, ou sendo bom e fazendo o bem, vamos todos para o céu de qualquer modo?

Se na realidade isso fosse verdade, a vida seria um luxo, sem preocupações conscienciais de qualquer tipo, mas a ser verdade, não entendemos porque então continua a haver sofrimento!

Jesus já não pagou por todos nossos erros? E a ser verdade essa explicação das religiões, para que servem elas agora? E porque dizem que temos que seguir as suas normas e frequentar seus templos para sermos salvos, se Cristo já nos salvou a todos quando morreu na cruz? Mais um paradoxo. Ou será que é apenas para viverem no luxo com o nosso dinheiro? Ou será que apesar de nos terem dito que Jesus nos salvou e nos livrou dos pecados, nós não acreditamos?

Duvido que consigam dar explicação a tal paradoxo, pelo menos com lógica e verdade.

Mas vamos tentar por um pouco de ordem nas coisas, tentando que pelo menos o básico, o mais lógico e o mais justo fique percebido, porque de outro modo é impossível perceber seja o que for. Até porque se todas religiões dizem que Deus é infinitamente justo e bom, onde estaria a justiça, se fosse verdade essa teoria das religiões?

Jesus passou mil e um sofrimentos, mas não para nos livrar de qualquer de nossos pecados, também não foi para pagar os dele porque não os tinha, e até porque o seu maior sofrimento era ver que não conseguíamos entender o alcance dos seus ensinamentos, das suas palavras e do seu exemplo. Mas também isto aconteceu porque mais uma vez teve a mãozinha das religiões dessa época, que cheias de outros interesses que a tudo se sobrepunham, logo trataram de trocar o significado de tudo o que ele dizia e fazia, chegando a acusá-lo de tudo fazer porque estava às ordens de satanás.

Todo o tempo de vida na Terra passado por Jesus, foi dedicado á humanidade, não para a livrar dos pecados ou salvar alguém, no sentido direto da palavra, mas sim, para nos ensinar ,

como o fazer, ensinou-nos um caminho, a maneira correta de lidarmos com a vida em todas as situações; a maneira como nos relacionarmos uns com os outros; como deveriam ser todos os nossos comportamentos, entendendo-se estes, desde os próprios pensamentos, às palavras, aos atos e a todas as atitudes, perante nós próprios, perante os outros e perante a Natureza e a vida em todos os seus aspetos.

No final, o exemplo maior, deixou-se matar na cruz depois de passar os mais horríveis sofrimentos. E fomos nós que o maltratamos e que o matamos, mais uma vez incentivados pelas religiões da sua época, mas se ele morria pelos nossos pecados, apenas estávamos a ajudá-lo a fazê-lo mais rápido, para sermos salvos, ele que pagasse, não nós que os cometemos. Tirámos a vida, àquele que mais nos podia ajudar; àquele que melhor nos poderia conduzir ao Pai, matamos o filho, o enviado de Deus. Qual o Pai que via matar seu filho e dizia: “Pronto, matastes o meu filho, agora estais livres do pecado”. Cometemos, talvez o maior pecado da humanidade, e não existia, e creio ainda não existir, qualquer pai entre os homens capazes de perdoar a quem fizesse isto a um filho seu, mas a realidade é que Jesus perdoou e ainda pediu para que o Pai também perdoasse: **“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”**, Não sabíamos e ainda hoje não sabemos, preferimos acreditar que Jesus sofreu para que nós não tenhamos que pagar pelas asneiras que fazemos, pura ilusão, continuamos a ser piores que criancinhas, ainda na mais pura ignorância do que é a vida.

Que nenhum de nós se iluda mais querendo a salvação fácil e de preferência feita pelo trabalho dos outros, foi o próprio Jesus que disse: **“Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”**.

Tomemos atenção, ele não disse que tinha carregado ou ia carregar a nossa cruz, ele disse para carregarmos a nossa cruz e o seguirmos.

Ele nunca disse que ia pagar pelos nossos pecados; nunca disse que estávamos salvos pela sua crucificação, nem antes nem depois da sua morte.

Jesus ensinou-nos como nos salvarmos; ensinou-nos como nos deveríamos comportar para isso; ensinou-nos como aguentar o sofrimento que nos estivesse destinado como resgate ou pagamento de nossos erros, deixando para o final, a morte. Morte, que ele nos provou, e sim, foi por isso que se deixou morrer, que a morte não acabava com a vida; que a vida continuava, mesmo após a morte do corpo, e não uma vida a dormir até a um juízo final, mas sim uma vida ativa que continuava depois da morte do corpo, uma vida útil e não o paradoxo de nada fazermos depois da morte, dando-nos assim a esperança e as forças para não desistirmos da vida, mesmo e apesar de todo o sofrimento que tivéssemos que passar, pois estaríamos a carregar a nossa própria cruz, como ele exemplificou, e que no final, chegada a morte do corpo, tendo cumprido nossa missão, aí sim, teríamos conseguido dar o passo necessário para rumar à salvação, continuando a vida no local e nas condições necessárias para continuarmos a nossa caminhada até que, vida após vida, alcancemos a perfeição, condição necessária e imprescindível para chegar à salvação. **“Sede perfeitos como é perfeito o Pai que está nos Céus”**.

Mas a perfeição jamais poderia ser alcançada em uma só vida, como muitas religiões o querem fazer acreditar. Onde está alguém perfeito entre os homens na Terra? Para os líderes religiosos que ensinam isso, teremos que dizer para não se ficarem apenas pela leitura dos ,

livros das próprias organizações, pois, destes, já tudo o que não lhes convém foi retirado. Procurem ler a história do Cristianismo, existem muitos livros que a contam.

A reencarnação, única forma de caminharmos com toda a justiça para a perfeição, foi ensinada por Jesus, continuou a ser ensinada pelos seus discípulos, e durante muito tempo, pelos discípulos dos discípulos dos discípulos, até que no ano 553, no concílio ecumênico de Constantinopla, por ordem do Imperador Justiniano, influenciado por sua esposa Teodora e por motivos muito pessoais, proibiu a menção á reencarnação na sociedade e dentro dos próprios lares, sob pena de morte, mandando também retirá-la de todos os livros sagrados , logicamente, da Bíblia.

Com muitas mortes pelo meio e o medo a dominar, foi-se deixando de ensinar essa parte, acabando por fazer com que as novas gerações nem sequer terem tomado conhecimento de nada a respeito, apesar de posteriormente, muito depois da morte desse Imperador, alguns voltarem a falar nisso, tornou-se um tema difícil, em que muitos não queriam falar porque inconscientemente ainda vigorava o medo em suas mentes. As novas religiões nem sequer se deram ao trabalho de procurar ou sequer raciocinar sobre isso, pois de outro modo teriam passado a ensiná-la nos seus templos ou igrejas.

Os seguidores dessas religiões, que na maioria procuram apenas uma salvação fácil, sem trabalho, e a haver algum, que seja feito pelos outros, nunca procuraram saber a verdade, nem pôr em causa o que lhes ensinavam, pois, a maneira que lhes propunham para alcançar a salvação era muito mais fácil. Não temos dúvidas de que o é, só que não é real, e quando chegar a hora da partida de cada um deles, ao perceberem que acreditaram na mais pura mentira ficarão revoltados, com eles próprios, por terem sido tão ingênuos, preguiçosos também, e revoltados com a religião que seguiam porque os enganou o tempo todo. Como disse Jesus: ***“São cegos a guiar outros cegos”***

Por tudo isso, procuremos a verdade, foi um dos conselhos de Jesus quando disse: ***“Se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos. E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”***

Caro leitor:

Assine e divulgue este boletim. Ao fazê-lo, estará a contribuir para que outros tenham acesso a conteúdos de interesse para o nosso desenvolvimento pessoal e coletivo.

Contamos com consigo!

PÁSCOA NO ESPIRITISMO

Arminda Santos

Etimologicamente o termo Páscoa deriva do hebreu “pasach”, que significa “passagem” e, inicialmente remetia à libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. Do ponto de vista religioso, é o nome dado à importante festa do catolicismo para a comemoração da ressurreição de Jesus.

Embora o Espiritismo seja cristão, respeita, mas não interpreta do mesmo modo todos os preceitos das religiões cristãs. Um dos pontos divergentes é o entendimento da ressurreição do corpo físico. A ciência diz ser impossível que um corpo realmente sem vitalidade seja ressuscitado. E, como Jesus disse ter vindo “cumprir a lei” não faz sentido acreditar que, justamente Ele, iria transgredi-la. Jesus, mostrou-se com o seu corpo perispírico, o que explica o facto de só ter sido visto pelos que ele quis que o vissem.

A Páscoa Judaica pode ser interpretada como a nossa libertação da ignorância, das mazelas humanas e o desenvolvimento do comportamento ético-moral. A travessia do Mar Vermelho representa as dificuldades para a transformação. A Páscoa Cristã, representa a vitória da vida sobre a morte e do sacrifício pela verdade e pelo amor. Jesus de Nazaré demonstrou que é possível executar homens, mas não se consegue matar as grandes ideias, os grandes exemplos de amor ao próximo e de valorização da vida.

“Cristo é a nossa Páscoa (libertação), pois Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” – (João, 1:29). O evangelista usou o termo Cordeiro, porque se usava na época de Moisés, sacrificar um cordeiro para agradar á Deus. Portanto, dá-se a ideia de que Deus sacrificou Jesus para nos libertar dos pecados. Porém, para nos libertarmos dos “pecados”, ou seja, dos nossos erros, das nossas falhas morais, devemos estar dispostos a contribuir, utilizando os ensinamentos do Cristo como nosso guia. Porque Jesus não morreu para nos salvar; Jesus viveu para nos mostrar o caminho da salvação.

Esta palavra “salvação”, segundo Emmanuel, vale por: “reparação, restauração, refazimento”. Portanto, salvação não é ganhar o reino dos céus; não é o encontro com o paraíso após a morte; salvação é “libertação” de compromisso; é regularização de débitos.

Como diz a bandeira do Espiritismo: “Fora da Caridade não há Salvação”. Então, fora da prática do amor de uns para com os outros, não estaremos salvos, livres das complicações criados por nós mesmos, através de brigas, violência, exploração, desequilíbrios, frustrações e muitos outros problemas que fazem a nossa infelicidade.

Portanto, aproveitemos mais esta data, para revermos os pedidos do Cristo, para “renovarmos” as nossas atitudes.

Como disse Celso Martins, no livro *“Em busca do homem novo”*, baseando-se nas palavras de Paulo de Tarso - 4 ef. vs. 22-23: *“Que surja o homem novo a partir do homem velho. Que do homem velho, coberto de egoísmo, de orgulho, de vaidade, de preconceito, ou seja, coberto de ignorância e inobservância com relação às leis morais, possa surgir o homem novo, gerado sob o influxo revitalizante das palavras e dos exemplos de Jesus Cristo”*

Que este homem novo seja um soldado da paz neste mundo em guerras. Um lavrador do bem neste planeta de indiferença e insensibilidade. Um paladino da justiça neste orbe de injustiças sociais e de tiranias econômicas, políticas e ou militares.

Quando Jesus esteve na terra, trouxe uma mensagem totalmente inovadora, baseada no perdão, no amor e na caridade. Para aquele povo ainda tão materialista e primitivo, foi difícil aceitar um novo Messias manso e pacífico, quando esperava um líder guerreiro e libertador da escravidão. Os governantes da época temeram ser ele um revolucionário que ameaçaria o poder por eles constituído.

Por esses motivos, Jesus foi condenado à morte, crucificado, maneira pela qual os criminosos eram executados. Como um ser de elevada evolução reapareceu em espírito - não em corpo material - aos apóstolos e a várias pessoas. Assim, ele comprovou a existência do espírito e a sua sobrevivência após a morte física.

Para o Espiritismo a Páscoa, como qualquer outro período do ano, deve ser um momento de reflexão, estudo e reafirmação do compromisso com os ensinamentos do Mestre, a fim de que cada um realize dentro de si e no meio em que vive, o reino de paz e amor que ele exemplificou.

O maior milagre que Jesus operou e que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que os seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

Como a Páscoa Cristã representa a vitória da vida sobre a morte, queremos deixar firmado o conceito que aprendemos no Espiritismo, que a vida só pode ser definida pelo amor e o amor pela vida. Foi por isso que Jesus de Nazaré afirmou que veio ao mundo para que tivéssemos vida em abundância, isto é, plena de amor.

Até ao próximo Boletim. Muita paz

LEMAS DO ESPIRITISMO:

O 1º é científico: *“Fé inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”.*

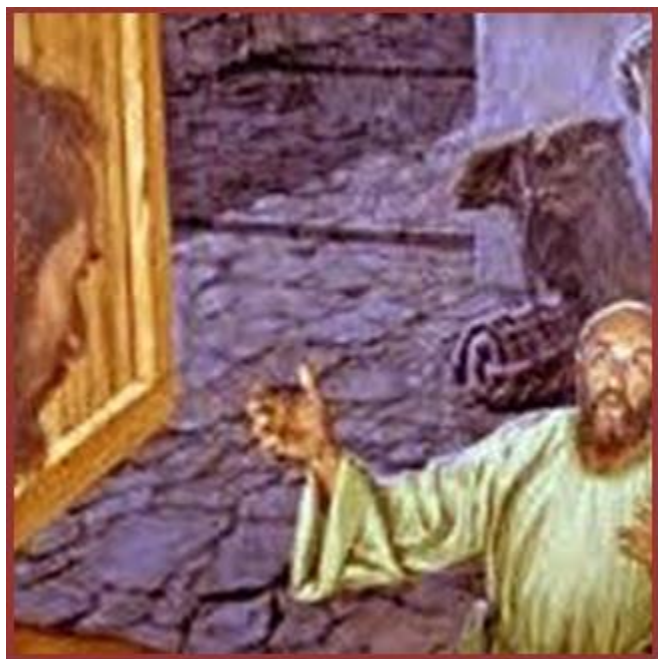
O 2º é filosófico: *“Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir continuamente, tal é a lei”.*

O 3º é religioso: *“Fora da caridade não há salvação”.*

O 4º é social: *“Trabalho, solidariedade e tolerância”.*

Parábolas... para refletir!

PARÁBOLA DO AMIGO IMPORTUNO



“Se uns de vós tiverdes um amigo e fordes procurá-lo à meia-noite e lhe disserdes: Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu acaba de chegar à minha casa de uma viagem, e nada tenho para lhe oferecer: e se do interior o outro lhe responder: Não me incomodes; a porta está fechada, eu e meus filhos estamos deitados, não posso levantar-me para tos dar, digo-vos: embora não se queira levantar para lhos dar, por ser seu amigo, ao menos por causa da sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães precisar. E eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. Qual de vós é o pai que, se o filho pedir um peixe, lhe dará em vez de um peixe uma serpente? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pai Celestial, que dará um bom Espírito aos que lho pedirem.”

(Lucas XI, 5-13.)

Esta parábola está no contexto do Evangelho de Lucas (11:1-13), depois de Jesus ensinar os discípulos a rezar o Pai Nosso. Cairbar Schutel em “Parábolas e Ensinos de Jesus” comentou: “Jesus, para melhor exaltar a imaginação dos seus discípulos e fazer-lhes compreender a ação da prece, após haver-lhes ensinado o modo de orar, julgou de bom alvitre

compreender a ação da prece, após haver-lhes ensinado o modo de orar, julgou de bom alvitre fazer a exposição da parábola começando a comparação com os amigos e concluindo-a com os pães”.

No mundo assistimos a muita maldade, mas por outro lado, sobressaem muitas ações nobres e generosas, principalmente entre amigos, cujos sentimentos são verdadeiros e constituem laços de união e de simpatia, da amizade verdadeira, que é coisa rara nesta Terra de aparências, quando se trata de um amigo ou conhecido que nos é simpático estamos prontos a servi-lo, seja a que horas for. De modo que, se um amigo bate à nossa porta à meia-noite para nos pedir três pães e se temos os três pães, levantamo-nos e ajudamos o amigo. Aqui, os três pães representam qualquer problema que possa surgir, é muitas vezes nas horas mais difíceis que conhecemos os verdadeiros amigos e aqueles que nas horas de aflição estão prontos a dar o seu tempo para nos ajudar, chamando assim à atenção para a fraternidade, generosidade e a perseverança.

Por outro lado, a parábola do amigo inoportuno chama a atenção para o poder da oração, do pedir, da busca pela interseção e da Providência Divina por intermédio dos bons espíritos. Não basta pedir, temos de ir à procura, lutar, insistir, ou seja também temos de fazer a nossa parte. Tudo aquilo que pedimos em oração, iremos receber aquilo que é necessário para evoluirmos, ou seja receberemos o essencial para a nossa evolução moral e espiritual, por isso, nem sempre coincide com aquilo que ansiamos. Não basta pedir para que Deus nos atenda no minuto seguinte! Ele sabe o que é o melhor para o nosso progresso espiritual, e para isso, enche-nos de coragem, de paciência e por vezes de resignação para que com fé e com ajuda e proteção dos bons Espíritos suportarmos as inúmeras dificuldades dos nossos caminhos.



Pesquisa realizada em:

KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*.
Schutel, Cairbar. *Parábolas e Ensino de Jesus*, 28ª Edição, SP, 2016

Carina Quental



AMAI OS VOSSOS

INIMIGOS

Retribuir o mal com o bem

Luzia Matos

1. Aprendestes que foi dito: “Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.” Eu, porém, vos digo: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. – Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?” (Mateus 5:43 a 47.)

– “Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mateus, 5:20.)

2. “Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam? – Se o bem somente o fizerdes aos que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que o mesmo faz a gente de má vida? – Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreajudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. – Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus.” (Lucas, 6:32 a 36.)

3. Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra *amar*, neste passo. Não pretendeu Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas ideias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

A diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este preceito parece de difícil prática, impossível mesmo, é apenas por entender-se falsamente que ele manda se dê no coração, assim, ao amigo, como ao inimigo, o mesmo lugar.

Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, à razão cabe estabelecer as diferenças, conforme os casos.

Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contato de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, *sem pensamento oculto e sem condições*, o mal que nos causem; é não opor nenhum obstáculo à reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem e não o mal; é experimentar júbilo, em vez de pesar, com o bem que lhes advenha; é socorrê-los, em se apresentando ocasião; é abster-se, *quer por palavras, quer por atos*, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, *sem a intenção de os humilhar*. Quem assim procede preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.

4. Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contrassenso, Aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a morte, pensa ele, o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, muito diversa é a maneira de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida atual não passa de um simples ponto. Sabe ele que, pela mesma destinação da Terra, deve esperar topar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que se defronta fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer advenham dos homens, quer das coisas. *Se não se queixa das provas, tampouco deve queixar-se dos que lhe servem de instrumento*. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus o experimentá-lo, *deve também agradecer a mão que lhe dá ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação*. Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for, tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último. Nesta seqüência de estudos espíritas é de importância lembrar de que amar a quem nos faz mal é uma prova muito difícil para muitos.

Mas num seguimento lógico de amplitude de vida e vida além morte, consigamos ver neste estudo a grandeza de um ser ao seguir os ensinamentos de Jesus.

Jesus veio ensinar a lei maior do amor como um dos pilares a ser buscado por cada ser humano para as conquistas evolutivas. Resumiu toda a lei e os profetas em dois mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Não basta amar os que nos amam, fazer bem aos que nos fazem bem. É preciso muito mais: *amai os vossos inimigos, fazei bem ao que vos tem ódio, e orai pelos que vos perseguem e caluniam*” (Mateus, 5: 44). A lógica do amor não é retributivo, onde somente damos amor a quem nos deu amor, como uma transação comercial, mas sim doar amor em abundância, o amor fraterno universal que irradia e multiplica.

Boa leitura a todos muita saúde e paz!